



Utopia, heterotopia e imigração ucraniana¹

Analú Steffen

Via observação da construção do imaginário dos imigrantes ucranianos, chegados ao Brasil no final do século XIX, sobre o que encontrariam em terras do Novo Mundo, aborda-se o tema “utopia”, trazendo informações sobre sua criação e seu fundador, Tomás Morus. Estabelecendo relação entre o sonho utópico do imigrante e as construções teóricas sobre o tema, são considerados também os escritos de Foucault sobre “heterotopia” e a forma como a comunidade de Iracema, em Santa Catarina, foi organizada pelos imigrantes e é mantida por seus descendentes.

Utopia, heterotopia, imigração.

A utopia faz parte do momento ocidental da sociedade técnica e capitalista. Ela se esfuma com o advento da civilização urbana e o apogeu do mundo informacional, escondendo-se nos lugares mais recônditos de nossa memória, como um bom momento, como uma imagem, sensata e rebelde, como nos quadros *O encontro dos amigos*, de Max Ernst, *Persistência da memória*, de Dalí, *A condição humana*, de Magritte, ou *O Sabbat*, de Delvaux: cores noturnas, risos soltos, olhares de crianças, seios de rainhas e espaços com limites elásticos. A utopia é um ‘lugar nenhum’ e um presente. Um dom? Um dom. (Paquot)

Foi a Ilha de Utopia, na obra de Tomás Morus, escrita em 1516, na Inglaterra, que inaugurou o termo largamente utilizado em nossos dias. Trata-se de um Estado imaginário, que não utiliza dinheiro e desconhece a propriedade privada, priorizando acima de tudo a felicidade e o bem-estar coletivos.²

Morus foi preso, em 1534, por não prestar juramento ao rei como chefe supremo da Igreja da Inglaterra, discordando do divórcio do soberano. Em 1535, foi executado e, em 1935, canonizado pela Igreja católica. Além de virar santo, Morus também foi cultuado pela revolução russa, que lhe erigiu uma estátua em homenagem às idéias socialistas presentes em sua obra *A Utopia*, sobre a qual Jacoby³ afirma:

More, um santo da Igreja católica, oferece uma visão de mundo onde ‘todos recebem uma porção justa, de modo a não haver jamais homens pobres ou mendigos. Ninguém é proprietário de nada, mas todos são ricos – afinal, que riqueza maior pode haver que a alegria, a

Família Puchaski (imigrantes ucranianos).
Fonte: Acervo da Casa de Cultura de Itaiópolis.

1 Capítulo da dissertação *A estética diaspórica e a dádiva das pêsankas*, defendida em 19/03/2008 no PPGARTES/UERJ, em que são estudadas as pêsankas (ovos de páscoa ucranianos) produzidas na comunidade de Iracema, no Município de Itaiópolis, Santa Catarina. Os fundadores dessa comunidade chegaram ao Brasil em 1895, fugindo da miséria e opressão vividas na Ucrânia da época. O presente texto caracteriza-se como estudo do contexto vivido pelos imigrantes ucranianos, suas esperanças em relação ao Novo Mundo e a forma de organização social que buscavam, extremamente ligada às crenças religiosas.

2 Morus, 2006.

3 Jacoby, 2007, p. 41.

paz de espírito e a liberdade da angústia? Ele sonhou com um lugar em que o homem pudesse 'viver em júbilo e paz'.

Porém, a utilização do termo utopia, por Morus provocou a discussão sobre seu significado, levantando questionamentos sobre o uso dos prefixos presentes na palavra:

Os dicionários são unânimes em apontar o substantivo "utopia" como sendo derivado do grego *topos*, que significa "o lugar", precedido de dois prefixos cujo sentido pode ser cumulativo: *eu*, que expressa a "boa qualidade", e *ou*, que assinala a negação. Assim, "utopia" significa, ao mesmo tempo, "o lugar que é bom", de certo modo "o lugar da felicidade", e "o lugar que não existe", "o lugar que não tem lugar", ou seja, sem existência geográfica real. Enfim, um lugar em que o viver é tão bom que se torna inatingível!⁴

4 Paquot, 1999, p. 8.

Certo, porém, é que os desejos utópicos estão presentes nos movimentos libertários que ousam imaginar alternativas para fugir da opressão social e da situação de miserabilidade – do corpo e do espírito. "A utopia sempre se afirma, ao mesmo tempo, como uma contestação da ordem social e como uma alternativa."⁵

5 Id., *ibid.*, p. 105.

Se analisarmos a situação vivida pelos ucranianos no final do século XIX, tornar-se-á claro o impulso coletivo em busca de liberdade de expressão e melhores condições de vida: suas terras eram dominadas pelo império austro-húngaro, e grande parte delas foi anexada à Polônia, o que deixava os ucranianos sem possibilidades de desenvolver produção agrícola – nem mesmo de subsistência –, além de submetidos a perseguições políticas e religiosas.⁶

6 Haneiko, 1985.

Embalados por propagandas do governo brasileiro que prometiam fartura e felicidade, apoio irrestrito e doação de terras aos que se aventurassem a colonizá-las, milhares de famílias ucranianas embarcaram nos navios, na última década do século XIX, guiadas pelo sonho de liberdade e amparadas pela fé religiosa.

Segundo Bloch:⁷ "O que é desejado utopicamente guia todos os movimentos libertários, e também todos os cristãos o conhecem a seu modo, com a consciência adormecida ou manifestando comoção, a partir dos trechos bíblicos messiânicos ou do êxodo."

7 Bloch, 2005, p. 18.

Esses imigrantes acreditaram em propagandas enganosas que, somadas a seus próprios desejos, geraram romântica idealização do lugar que iriam encontrar. Alguns depoimentos de descendentes de imigrantes ucranianos, residentes no Sul do país, ilustram como se deu essa construção do imaginário em torno do que iriam encontrar no Brasil.

Afirma Olga Panchiniak, moradora de Iracema, em entrevista: "Faziam propaganda lá na Ucrânia, onde o povo estava vivendo tanta miséria. Diziam que aqui no Brasil as

cercas eram feitas de toicinho e que lingüiça dava em árvore.” Outros pesquisadores assim o fizeram:

8 Haneiko, 1985, p. 47.

Partiram de sua pátria na esperança de dias melhores em novas terras, que a propaganda apresentava como a Canaã da fartura e da felicidade.⁸

9 Deniscwicz, 1995, p. 8 e 9.

Ao adentrar no navio, na sua imaginação ansiava pelas maravilhas do horizonte. Um país novo onde jorravam leite e mel. Um mundo resplandecente, onde tudo era belo, novo, fácil, radiante de esplendor. As propagandas faziam sua parte no aliciamento de imigrantes, que eram facilmente enganados. Acabavam de libertar-se das dificuldades, das perseguições religiosas e políticas, da fome, da guerra, da dominação austro-húngara, da miséria. Entusiasmado que brevemente estaria longe de todos os problemas, e aqui encontraria a sua propriedade e reuniria a família com seus pertences. Teria a sua lavoura e o seu rebanho. Teria os seus filhos sadios que alegres aprenderiam uma nova língua na escola. Eram sonhos em alto mar.⁹

10 Foucault, 2002, p. 13.

Segundo Foucault:¹⁰ “As utopias consolam: é que, se elas não têm lugar real, desabrocham, contudo, num espaço maravilhoso e liso; abrem cidades com vastas avenidas, jardins bem plantados, regiões fáceis, ainda que o acesso a elas seja quimérico.”

O lugar acalentado no utopismo ucraniano era irreal, elaborado segundo todas as histórias e lendas de que já haviam ouvido falar. Construíram um espaço que era a inversão daquilo que os fazia sofrer na Ucrânia. Aqui no Brasil, supunham, poderiam produzir abundantemente em terras férteis, teriam liberdade para falar sua própria língua, cantar seus hinos religiosos e realizar seus rituais sagrados – ligados à Igreja Católica do Rito Oriental – sem ter que esconder-se para isso nem prestar contas a ninguém. A fome, a miséria e as constantes humilhações passariam a fazer parte de um passado longínquo.

11 Foucault, 2006, p. 414-415.

As utopias são os posicionamentos sem lugar real; posicionamentos que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou inversa. É a própria sociedade aperfeiçoada ou é o inverso da sociedade, mas, de qualquer forma, essas utopias são espaços fundamental e essencialmente irrealis.¹¹

Assim, quando chegaram aos locais a eles destinados, tiveram que defrontar-se com a realidade que os aguardava. Descobriram que o governo não havia cumprido sua parte e delimitado a área, e tiveram que abrir picadas na mata, ajudando a fixar marcas e medir espaços; tiveram que acomodar-se, durante esse período, em barracões coletivos, junto a alemães, italianos e poloneses. Estes últimos, reproduziam rivalidade e animo-

sidade características da relação com os ucranianos, durante o período de dominação polonesa da Ucrânia. Além disso, havia a ameaça de doenças tropicais e dos indígenas da região, que, conforme progredia a interiorização, atacavam e matavam as famílias colonizadoras.¹²

12 Andrezza, 2006.

Esta carta de Iwan Frankó (1856-1916) escrita em 1895 narra a trajetória de 40 pessoas que imigraram para o Brasil:

“Vizinho! – é Olécia que está escrevendo.
Saúde boa e bem se vai vivendo.
Faz sete meses que silenciamos.
No fim de tal destino já acampamos.
Vivemos em florestas, em cabanas
e imensamente estamos trabalhando.
Vivemos juntos, não nos separaram.
Da vila, quinze léguas nos distaram.
Na mata, sob montanhas... não chiamos.
Não há estradas, trilhas palmilhamos.
Brasil! Também se sofre nessa terra:
pegou-nos logo a febre amarela.
Em três meses na Ilha das Flores
morreram três mulheres e três homens.
vendemos como servos cinco moços,
àquelas casas foram cinco moças.
Dos moços não tivemos nem notícia.
As moças comem, bebem... que ‘delícia’!
Que mais escrevo? Novas não alardam.
De cobras, cinco nossos se finaram.
Aqui anda um povo rude pelo mato
que mata e come a gente. Fuja deste fato.
Se Deus quiser, e nós nos recompusermos
quarenta fomos, em dezoito somos.
É pena que rezar e conversar
não querem em ruteno nos deixar.
Na vila Kandziubinski assim gritou:
‘Aqui não se fala em ruteno, não!
Polacos são o rei, o país e Deus!
Falar em polonês ou calar de vez!’
Fazer o que com tal intimação?
Que assim seja. Qual a salvação
Aqui termino. Adeus
E de ora terei mais novas se luzir melhora.”

cercas eram feitas de tocinho e que lingüiça dava em árvore.” Outros pesquisadores assim o fizeram:

8 Haneiko, 1985, p. 47.

Partiram de sua pátria na esperança de dias melhores em novas terras, que a propaganda apresentava como a Canaã da fartura e da felicidade.⁸

Ao adentrar no navio, na sua imaginação ansiava pelas maravilhas do horizonte. Um país novo onde jorravam leite e mel. Um mundo resplandecente, onde tudo era belo, novo, fácil, radiante de esplendor. As propagandas faziam sua parte no aliciamento de imigrantes, que eram facilmente enganados. Acabavam de libertar-se das dificuldades, das perseguições religiosas e políticas, da fome, da guerra, da dominação austro-húngara, da miséria. Entusiasmado que brevemente estaria longe de todos os problemas, e aqui encontraria a sua propriedade e reuniria a família com seus pertences. Teria a sua lavoura e o seu rebanho. Teria os seus filhos sadios que alegres aprenderiam uma nova língua na escola. Eram sonhos em alto mar.⁹

9 Deniscwicz, 1995, p. 8 e 9.

10 Foucault, 2002, p. 13.

Segundo Foucault:¹⁰ “As utopias consolam: é que, se elas não têm lugar real, desabrocham, contudo, num espaço maravilhoso e liso; abrem cidades com vastas avenidas, jardins bem plantados, regiões fáceis, ainda que o acesso a elas seja quimérico.”

O lugar acalentado no utopismo ucraniano era irreal, elaborado segundo todas as histórias e lendas de que já haviam ouvido falar. Construíram um espaço que era a inversão daquilo que os fazia sofrer na Ucrânia. Aqui no Brasil, supunham, poderiam produzir abundantemente em terras férteis, teriam liberdade para falar sua própria língua, cantar seus hinos religiosos e realizar seus rituais sagrados – ligados à Igreja Católica do Rito Oriental – sem ter que esconder-se para isso nem prestar contas a ninguém. A fome, a miséria e as constantes humilhações passariam a fazer parte de um passado longínquo.

As utopias são os posicionamentos sem lugar real; posicionamentos que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou inversa. É a própria sociedade aperfeiçoada ou é o inverso da sociedade, mas, de qualquer forma, essas utopias são espaços fundamental e essencialmente irrealis.¹¹

11 Foucault, 2006, p. 414-415.

Assim, quando chegaram aos locais a eles destinados, tiveram que defrontar-se com a realidade que os aguardava. Descobriram que o governo não havia cumprido sua parte e delimitado a área, e tiveram que abrir picadas na mata, ajudando a fixar marcas e medir espaços; tiveram que acomodar-se, durante esse período, em barracões coletivos, junto a alemães, italianos e poloneses. Estes últimos, reproduziam rivalidade e animo-

sidade características da relação com os ucranianos, durante o período de dominação polonesa da Ucrânia. Além disso, havia a ameaça de doenças tropicais e dos indígenas da região, que, conforme progredia a interiorização, atacavam e matavam as famílias colonizadoras.¹²

12 Andrezza, 2006.

Esta carta de Iwan Frankó (1856-1916) escrita em 1895 narra a trajetória de 40 pessoas que imigraram para o Brasil:

“Vizinho! – é Olécia que está escrevendo.
Saúde boa e bem se vai vivendo.
Faz sete meses que silenciamos.
No fim de tal destino já acampamos.
Vivemos em florestas, em cabanas
e imensamente estamos trabalhando.
Vivemos juntos, não nos separaram.
Da vila, quinze léguas nos distaram.
Na mata, sob montanhas... não chiamos.
Não há estradas, trilhas palmilhamos.
Brasil! Também se sofre nessa terra:
pegou-nos logo a febre amarela.
Em três meses na Ilha das Flores
morreram três mulheres e três homens.
vendemos como servos cinco moços,
àquelas casas foram cinco moças.
Dos moços não tivemos nem notícia.
As moças comem, bebem... que ‘delícia’!
Que mais escrevo? Novas não alardam.
De cobras, cinco nossos se finaram.
Aqui anda um povo rude pelo mato
que mata e come a gente. Fuja deste fato.
Se Deus quiser, e nós nos recompusermos
quarenta fomos, em dezoito somos.
É pena que rezar e conversar
não querem em ruteno nos deixar.
Na vila Kandziubinski assim gritou:
‘Aqui não se fala em ruteno, não!
Polacos são o rei, o país e Deus!
Falar em polonês ou calar de vez!’
Fazer o que com tal intimação?
Que assim seja. Qual a salvação
Aqui termino. Adeus
E de ora terei mais novas se luzir melhora.”



Casa de descendentes de imigrantes ucranianos em Iracema. Fonte: Arquivo pessoal, Analu Steffen.

Embora a realidade os tomasse de assalto, tirando-os do devaneio em que estavam imersos desde que deixaram sua antiga pátria, esses imigrantes ucranianos enfrentaram a dura situação e lutaram para reconstruir aqui um lugar onde pudessem reproduzir o que havia de melhor na Ucrânia, junto àquilo que delinearam utopicamente em relação ao que iriam encontrar. Talvez essa crença, esse desejo, esse sonho é que os tenha ajudado a construir suas colônias, como a de Iracema, por exemplo.

Apesar de inserida num município em que coexistiam outras etnias, como poloneses, alemães e indígenas, Iracema até hoje consegue guardar em si características únicas, que a diferem do restante do espaço, mesmo que seus habitantes estejam intercambiando o tempo todo, num jogo “dentro e fora” que a atualidade duramente exige.

Características arquitetônicas, a língua – senão o acentuado sotaque –, detalhes sutis nas vestimentas, as festas e os rituais religiosos, a culinária, o relacionamento interpessoal, o artesanato: tudo contribui para fazer de Iracema um “lugar-não-lugar” em relação ao restante do espaço daquela região. Esse conjunto de peculiaridades parece fazer dessa comunidade um pequeno mundo sublimado, que poderíamos definir como “heterotopia”.

Há, igualmente, e isso provavelmente em qualquer cultura, em qualquer civilização, lugares reais, lugares efetivos, lugares que são

delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis. Esses lugares, por serem absolutamente diferentes de todos os posicionamentos que eles refletem e dos quais eles falam, eu os chamarei, em oposição às utopias, de heterotopias (...).¹³

13 Foucault, 2006, p. 415.

Parece-nos, porém, que existem momentos em que Iracema demonstra todas essas características com mais clareza, como se estivesse desabrochando, vivendo mais intensamente sua própria identidade. Acreditamos que o maior deles seja a Páscoa, e os 40 dias que a precedem.

Segundo os princípios elencados por Foucault, para realizar uma possível “leitura” e/ou descrição das heterotopias, acreditamos ser pertinente destacar um deles, principalmente se nos propusermos a relacioná-lo com a Páscoa:

Quinto princípio. As heterotopias supõem sempre um sistema de abertura e fechamento que, simultaneamente, as isola e as torna penetráveis. Em geral, não se chega a um posicionamento heterotópico como a um moinho. Ou se é obrigado, no caso da caserna, o caso da prisão, ou se é preciso submeter a ritos e purificações. Só se pode entrar com uma certa permissão e depois que se cumpriu um certo número de gestos.¹⁴

14 Id., *ibid.*, p. 420.

É possível perceber, visitando Iracema em momentos diferentes, que a Páscoa é uma tradução daquilo que é mais caro a seus moradores e que, portanto, marca mais profundamente seu pertencimento àquele universo. É no período que a precede, denominado Quaresma, que esses descendentes de ucranianos, num primeiro momento, se recolhem em silêncio purificador. Suas cerimônias religiosas são modificadas e passam a abster-se de festas, danças e comemorações. De acordo com o depoimento de Célia:¹⁵

(...) a Páscoa é tempo de fazer pêsanka. Se você vai fazer quantidades grandes, aí é em qualquer época. Mas a Páscoa propriamente dita, a Quaresma, parece que é o momento propício para você fazer. Até o clima, tudo parece que te favorece; parece um clima mais tranquilo, mais sereno, parece que não tem aquele agito, parece que a pessoa fica mais recolhida.

15 Natural de Iracema e neta de imigrantes ucranianos, é produtora de pêsankas e disseminadora da técnica entre os jovens descendentes de ucranianos.



Adoração do Santo Sudário, na Sexta-Feira Santa – Páscoa 2007. Fonte: Arquivo pessoal, Mauro Meirelles de Oliveira Santos.

Num segundo momento, durante a Semana Santa, é como se o recolhimento vivido até então pudesse florescer em demonstrações de fé religiosa e respeito às tradições. Para finalmente poderem reviver a ressurreição de Cristo, submetem-se a um rígido jejum preparatório, assim descrito pela senhora Zenita Malinowski: “Não é só um jejum de alimento, como a carne; é também um jejum de televisão, rádio. Não se pode falar alto, é tempo de silêncio para a reflexão.”

Célia relata:

As pessoas assando e preparando as comidas, aquele cheirinho... e não podia comer, era jejum mesmo, e Sexta-Feira Santa não podia nada de leite, derivados do leite, nada, nada, nada! A mãe fazia um peixe, um chuchu, um arroz sem tempero: sal, azeite e só! Batatinha e mais nada. De resto era só sentir vontade e o cheirinho gostoso da comida. Quando vinha de noite, que voltava da missa, vinha alegre, no Sábado de Aleluia.

A comunidade toda se reúne durante a Semana Santa – crianças, jovens, adultos, idosos e até mesmo aqueles que deixaram Iracema em busca de inserção no mercado de trabalho. Todos voltam para seu chão e suas raízes. A Páscoa parece ser um momento reagrupador dessas pessoas, o que vem reforçar o sentimento de unidade entre eles.

Na caracterização da heterotopia, Foucault comenta:

Enfim, o último traço das heterotopias é que elas têm, em relação ao espaço restante, uma função (...) criando um outro espaço, um outro espaço real, tão perfeito, tão meticuloso, tão bem arrumado quanto o nosso é desorganizado, mal disposto e confuso. Isso seria a heterotopia não de ilusão, mas de compensação, e me pergunto se não foi um pouquinho dessa maneira que funcionaram certas colônias.¹⁶

16 Foucault, 2006, p. 421.

As transformações se sucedem dia a dia e vão transformando a maneira como entendemos o mundo, como realizamos nossas tarefas, nossas crenças e hábitos. A cultura individualista atual, imposta principalmente pelo capitalismo, tem restringido a formação de sonhos coletivos e de grupos que possam unir-se para realizá-los.

Essas transformações, aceleradas pelos avanços tecnológicos e pela velocidade de informações em nossa era, também atingem o lugar Iracema, de uma forma ou de outra. Seus jovens saem para estudar, computadores e internet estão presentes na comunidade, a televisão, o rádio, a imprensa escrita, tudo isso entra livremente em seu seio.

Mas de alguma forma, mesmo enfrentando conflitos de gerações e o caos contemporâneo, a raiz do sonho consegue brotar. A memória dos que se lançaram atrás de um mundo melhor, que acreditaram na utopia, é sempre despertada e reavivada no lugar Iracema.

Referências bibliográficas

ANDREAZZA, M. Isolados, entregues à própria sorte, ucranianos que chegaram ao Brasil no final do Século XIX conseguiram superar adversidades e imprimir sua marca cultural no sul do país. *Ecclesia*, 24 ago 2006. Disponível em: www.ecclesia.com.br. Acesso em: 30 ago 2006.

BLOCH, E. *O princípio da esperança*. V.1. Rio de Janeiro: Eduerj, 2005.

DENISZWICZ, M. *A religiosidade entre os ucranianos: manifestação da cultura religiosa ucraniana em Iracema, SC*. Monografia (especialização *lato sensu* em História Social – Pós-Graduação em História Social). Itajaí: Univali, 1995.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. Outros espaços. In *Ditos e escritos*. V.3: *Estética: literatura e pintura*,

música e cinema. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

HANEIKO, Pe. V. *Uma centelha de Luz*. Curitiba: Kindra, 1895.

JACOBY, R. *Imagem imperfeita: pensamento utópico para uma época antiutópica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MORUS, T. *A utopia*. Porto Alegre: L&PM, 2006.

PAQUOT, T. *A utopia: ensaio acerca do ideal*. Rio de Janeiro: Difel, 1999.

Analú Steffen é licenciada em Artes Plásticas pela Faculdade de Artes do Paraná, especialista em Interdisciplinaridade pela Unics e em Pedagogia Empresarial pelo Inbrape/UNC. Mestre em Arte e Cultura Contemporânea pela UERJ, defendeu sua dissertação *A estética diaspórica e a dádiva das pêsankas* em 2008. Atua como arte-educadora na rede municipal de ensino de Duque de Caxias, RJ. / analusteffen@yahoo.com.br